A Senhora Raivosa

Na propriedade vivia uma senhora — e de tal maneira irada que não dava sossego a ninguém! Quando o feitor vinha perguntar qualquer coisa, ela não o deixava ir embora sem lhe dar uma surra. E aos camponeses não havia vida que lhes fosse: esfaleava-os como a cães.

Eis que um dia chega um soldado de licença a casa. Contaram-lhe acerca da senhora, e ele disse: «Eu vou dar-lhe uma lição».

Chegou a noite, a senhora adormeceu. O soldado mandou atrelar os cavalos.

Aproximou-se da propriedade, retirou discretamente a senhora e levou-a para a cabana do sapateiro. E a mulher do sapateiro levou-a para a propriedade.

Ao romper da aurora, a mulher do sapateiro despertou e vê que a casa é magnífica. Imediatamente as criadas correram até ela, oferecendo-lhe água para lavar-se. Lavou-se — deram-lhe uma toalha, enxugou-se. Servem o samovar. Sentou-se a tomar chá. O feitor aproxima-se dela de mansinho. Ela lançou-lhe um olhar: que camponês é este?

— O que é que tu — diz ela — precisas?

— Eu, senhora, vim perguntar que tarefa dar hoje.

E ela adivinhou como responder:

— Acaso não sabeis? O que fizeram ontem, façam hoje!

O feitor saiu para a cozinha e disse:

— Hoje a senhora está bondosa, nunca vi assim desde que nasci!

A mulher do sapateiro vive na propriedade um mês e outro, e os camponeses tanto a elogiaram — em toda a redondeza não há melhor senhora!

E a senhora desperta de manhã em casa do sapateiro e grita:

— Criados!

O sapateiro está sentado a coser:

— Levanta-te, mulher, é hora de acender o forno!

— E tu quem és tu! Traz-me água para lavar!

— Ah, senhora! Vai tu buscar água: o sol já nasceu há muito. — Saltou da cadeira, arrancou o cinto e começou a chicoteá-la. — Acaso não sabes o teu dever? Tu tens de levantar e acender o forno!

E chicoteou-a de tal maneira que só parou quando se cansou. A senhora implorou misericórdia. Lá foi ela buscar água, depois por lenha, acendeu o forno, cozinhou qualquer coisa.

E assim viveu ela uns dois meses. Em tudo o que pegava, nada lhe saía bem, tudo lhe caía das mãos: ou não cozia bem os chis, ou derramava a água. O sapateiro mais de uma vez a espancou. E a senhora tornou-se bondosa e trabalhadora.

Quando o soldado soube disto, trocou de noite a senhora e a mulher do sapateiro.

De manhã a senhora levanta-se discretamente, sai do seu quarto:

«Que é isto, estou na casa antiga? De onde vim ter aqui?»

Perguntou às criadas:

— Criadas! Como vim parar aqui?

— Tu, senhora, não estiveste em parte nenhuma!

E desde então a senhora ficou muito, muito meiga. E a mulher do sapateiro voltou a viver como dantes.